

CLÃ E FORTALEZA: UMA APOLOGIA DA CIDADE

Vera Moraes

A *Revista CLÃ* foi criada em dezembro de 1946, como consequência do 1º. Congresso Cearense de Escritores, cuja pretensão era lutar em favor da autonomia de intelectuais e artistas locais. Para tanto, tornava-se necessário reunir esforços no sentido de projetar a cultura cearense no cenário nacional e, quem sabe, internacional. Inegavelmente, tratava-se de uma aspiração arrojada e otimista, mas os ânimos da época encontravam-se bastante inflamados, especialmente depois da repercussão lograda com o mencionado congresso e com o I Congresso de Poesia, também realizado em Fortaleza.

Todos esses movimentos e manifestações acirraram o empenho de um grupo de intelectuais, cuja tendência natural sempre foi a de reunir-se em grupos e conclaves, culminando, assim, com a formação do Grupo CLÃ. Sem sede definida, os escritores reuniam-se em cafés, em bancos de praças ou no ateliê do pintor Mário Baratta, uma vez que existia grande afinidade entre CLÃ e os pintores do grupo SCAP (Sociedade Cearense de Artes Plásticas). Esse fato fica comprovado através da leitura de atas que registraram as sessões preparatórias do I Congresso de Poesia, redigidas pelo poeta Aluizio Medeiros e publicadas, posteriormente, nas páginas da *Revista CLÃ*, em formato de deliciosas crônicas bem humoradas.

O pessoal do CLÃ estava disseminado em várias instituições, constituindo um grupo de muito prestígio cultural e social em Fortaleza. Encontrava-se nas Universidades, na Academia Cearense de Letras, no Instituto do Ceará, na Casa de Juvenal Galeno, na Casa de José de Alencar, etc. Em 1946, chegou a público o número zero da revista desse grupo – a *Revista CLÃ* – em caráter experimental, tendo como diretores o romancista João Clímaco Bezerra e os poetas Aluizio Medeiros e Antônio Girão Barroso. Em 1948, dois anos depois do surgimento do número zero, a *Revista CLÃ* reapareceu, trazendo na capa o

número 1 e, na primeira página, uma nota explicativa de seus redatores: “Esse exemplar recebeu o número 1, em primeiro lugar, porque a edição anterior teve o número 0 (zero) e o jornal literário não recebeu numeração; em segundo lugar, porque se tratava de um movimento novo, da reestruturação de um grupo que teve em Fran Martins seu 1º. e único diretor”.

O conselho de redatores foi composto, inicialmente, por Joaquim Alves, Stênio Lopes, Antônio Girão Barroso, Mozart Soriano Aderaldo e João Clímaco Bezerra. A partir do fascículo 6, iniciaram sua colaboração em *CLÃ* os seguintes escritores: Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Moreira Campos e Otacílio Colares. Stênio Lopes esteve ausente a partir do 5º. número, reaparecendo no fascículo 11, quando Eduardo campos foi eleito diretor comercial da Revista.

Por essa época, fez sua estréia nas páginas de *CLÃ* uma nova escritora de contos e novelas: Lúcia Fernandes Martins, única voz feminina do grupo, esposa de Fran Martins. No fascículo 16, o cronista Milton Dias também passou a integrar o quadro de colaboradores, sendo considerado o último dos “antigos” escritores do grupo, observando-se que, a partir do fascículo 23, a Revista começou a promover e divulgar a geração dos “novíssimos” escritores do Ceará: Horácio Dídimo, Sânzio de Azevedo, Linhares Filho, Pedro Lyra, entre outros. Na década de 1980, depois da publicação dos primeiros 25 números da *Revista CLÃ*, aderiram ao grupo os escritores Pedro Paulo Montenegro, Cláudio Martins e Durval Aires.

Durante sua formação, o Grupo *CLÃ* recebeu influência direta da geração de 1930, de certa forma antecipando-se à produção literária de escritores que apareceram com a geração de 45. Podemos observar que, na ficção, o grupo se afinou mais com as características temáticas e estilísticas de 30 e, na poesia, com a estética de 45. A geração cearense reunida em torno do Grupo *CLÃ* surgiu quando o Modernismo consolidava suas diretrizes, daí porque sua função não foi tanto de renovação quanto de afirmação de valores já vigentes em seu tempo. Sem preocupação de renovação estética ou manifestações de protesto à geração anterior, o Grupo *CLÃ* procurou enfatizar uma integração

entre a arte e a vida, ratificando definitivamente a implantação do Modernismo no Ceará.

No ano de 2006, comemoramos os 60 anos de publicação do número zero da *Revista CLÃ*; no mesmo ano, celebramos os 280 anos da cidade de Fortaleza. A partir desses aniversários, procuramos observar a relação dos escritores de CLÃ com sua cidade, nas páginas da revista. Constante devoção à cidade-musa em verso e prosa foi constatada em diversos momentos. Tratando-se de um periódico que busca anunciar a cultura do Ceará para o Brasil e para o mundo, nada mais razoável do que perceber, nessa coleção, inúmeros cantos de amor à cidade, através da louvação de suas praças, jangadas, praias ensolaradas, enfim, de símbolos e ícones que fazem de Fortaleza a hospitaleira e aconchegante cidade-luz.

Para ilustrar nossa pesquisa, procuramos analisar poemas escolhidos de três autores: Yaco Fernandes, Artur Eduardo Benevides e Aluizio Medeiros. *Cantigas de Amor e de Amigo* são poemas de autoria de Yaco Fernandes dedicados a Fortaleza. Apesar de não pertencer ao Grupo CLÃ, foi grande colaborador da revista, em que publicou poemas, contos e ensaios.

ALEGRIA DE FORTALEZA

Fortaleza

(Cidade aumentativo das lapinhas
Que meus olhos ingênuos de menino
Cobiçavam, gulosos e encantados,
Nas festas do Natal de Jesus):

Canções de sol nas ruas paralelas,
Onde o vento trauteia barcarolas:
Prazer d'água cantante dos repuxos,
Onde bailam milhares de arco-íris;
Risadas infantis das passaradas;
A longa sombra das mangueiras calmas

Nos bairros sonolentos e calados
Que meus pés de criança percorreram;
Quietas recordações de instantes bons;
Rumores amigos de vidas felizes;
A lua mais bonita que Deus fez;
Os risos policrômicos das flores;
A perspectiva azul de teus jardins
O verde ornamental sorrir dos benjamins;
O tranqüilo acalanto de teu mar,
-Tal é tua alegria, Fortaleza.

Alegria de ouvir essas cantigas
De pássaros sonoros e vibrantes
Como outra terra os entendeu jamais;
Alegria de ver-se refletida,
Numa felicidade diluída,
Nos olhos sorridentes e emotivos
Dessas maravilhosas raparigas
Que são o muito-allegro apaixonado
Dessas praças e ruas muito iguais.

Alegria dos jardins lavados de luz;
Alegria do céu mais repleto de estrelas;
Alegria de cousas simples e gostosas;
Alegria dos sinos cantando pelas tardes;
Alegria das tristes serenatas;
Alegria da presença constante da beleza,
- Alegria de Fortaleza.

Cidade mais alegre e mais rica do mundo:
Eu sou mais rico e muito mais alegre;
Todas as manhãs,
Embriagado do vinho das paisagens,
Olhando os panoramas cristalinos,
Tenho a impressão de te beijar na Boca,

E grito alegre e possessivamente:

Minha Cidade!

Minha Cidade!

(CLÁ: 15, pgs. 32-33)

Esse belo canto de amor a Fortaleza resplandece de orgulho e ufania. A cidade se transfigura em *locus amoenus*, lugar paradisíaco, idealizado pelas arrebatadas lembranças de felicidade colhidas dos períodos da infância e da juventude. Um tempo em que os acontecimentos, sempre positivos e deslumbrados, não coincidem com a perspectiva atual da cidade que cresceu desordenadamente, aumentando desempregos, injustiças sociais e violência. Através da memória dos “olhos ingênuos de menino”, o poeta relembra “risadas infantis da passarada” e espaços vivenciados pela criança: “A longa sombra das mangueiras calmas/Nos bairros sonolentos e calados”. Essa paisagem, em que predominam a tranqüilidade e a calma, sugeridas pela repetição de nasais (longa, sombra, sonolentos), envolve todo o espaço, desde as plácidas mangueiras até os calados bairros. A policromia, a intensa presença de luz - ruas, praças e jardins “lavados de luz” - conduzem a expectativa do leitor para a idéia de “alegria” que o poeta confere à sua cidade: “-Alegría de Fortaleza”. A admiração se desenvolve sempre num crescendo: “Cidade mais alegre e mais rica do mundo”, refletindo-se no estado de espírito provocado no menino: “Eu sou mais rico e muito mais alegre”. Causa e conseqüência estão definitivamente enredadas, explodindo na orgulhosa interjeição final de admiração: “Minha Cidade!/ Minha Cidade!”

O 2º. poema escolhido, *FORTALEZA REVISITADA NOVAMENTE*, foi escrito por Aluizio Medeiros. Trata-se de um poeta cujo lirismo está ligado à vida cotidiana e suas manifestações, daí o porquê da insistência da temática social em seus versos. Autor dos livros: *Trágico Amanhecer*, *Mundo Evanescente* e *Os Objetos* e co-autor de *Os Hóspedes*, Aluizio Medeiros teve participação efetiva no movimento de renovação literária do Ceará.

FORTALEZA REVISITADA NOVAMENTE

eis-me aqui onde outrora vivi
vem o vento de sempre vagante
vem o mar êste mar
espraiado em líquida flora
calçadas estas pedras pisadas
pelos passos passados
estas ruas de luas e nuas
sombrias e nuvens paradas
este barco de borco me viu ofegante
chocalhantes cangalhas este burro
navegante entre lerdo e pensante
esta praça que primo me viu
entre punhos e bocas andando
Pirambu a miséria encravada
estes muros de branco lavados
esta rua Assunção da infância
cirandantes estrelas cantantes
este val raso val Pajeú
este mar este céu claridades
crepitares de ares este dardo
Aldeota morada maloca
este Forte mirante de praia
Formosa e canos idosos
larvados de lodo martírio
doutroira este tempo de agora
esta vida de agora é doutroira
este val desta vida de agora
vem o vento de sempre vagante
eis-me aqui onde agora vivi.
(*CLÁ*: 20, p. 79)

O poema de Aluizio Medeiros põe em xeque a cidade de sua infância. O outrora e o agora ora se distanciam, ora se harmonizam

e o “vento vagante” (o tempo?) permanece sempre em sua tarefa de levar a vida para diante. As imagens do mar, das ruas, das calçadas, dos burros, dos barcos, das praças, a “rua Assunção de minha infância” são lembranças recorrentes impulsionadas por um novo olhar do escritor sobre a cidade. A visão atual também analisa a diferença social de seus habitantes, contrastando os bairros caracterizadores de riqueza e de miséria – Aldeota e Pirambu – “Pirambu a miséria encravada”, desvelando ideologias humanistas do autor. O final “eis-me aqui onde agora vivi” e o início “eis-me aqui onde outrora vivi” insinua a circularidade temporal assumida pela memória do poeta, ao mostrar recortes seletivos de sua vida de outrora que vieram à tona impulsionados pelo instante de agora. Beleza formal irretocável nos remete a um texto construído com base em maestria técnica e estilística. Confirmamos essa afirmação ao citar alguns versos em que o autor se esmera na construção de aliteraões, no sentido de provocar singulares efeitos no leitor através de belas imagens sonoras: “vem o vento de sempre vagante”, “estas pedras pisadas pelos passos passados, “estas ruas de luas e nuas/sombras e nuvens paradas, “êste mar êste céu claridades/crepitares de ares este dardo”. No poema, Fortaleza não é o paraíso idealizado; antes, trata-se da evocação de lugares queridos de outrora, revividos pelo olhar de maturidade do poeta que questiona mudanças sociais acionadas pela evolução natural do tempo e por ideologias anti-humanistas, desencadeando saudade de um passado feliz em contraste com tristeza e amargura na revisita à cidade de seus sonhos.

O 3º. Poema selecionado, *CANTO DE AMOR A FORTALEZA*, foi escrito por Artur Eduardo Benevides, considerado o príncipe dos poetas cearenses. Autor de vasta obra publicada e premiada, organizou, na década de 1950, o *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza* – que ganhou uma 2ª. edição em 1973, revelando permanente culto a essa querida cidade. Presidente honorário da Academia Cearense de Letras, pertence, também, à Academia de Língua Portuguesa, à Academia Cearense de Retórica e à Academia de Letras e Artes do Nordeste. Classifica-se como um poeta “essencialista”, que percebe a poesia como “algo de substancial, universal, subjetivo e intemporal, uma atitude de espírito, um valor supremo”. Seus poemas refletem acentuada influência do poeta Augusto Frederico Schmidt e do simbolismo de Mallarmé.

CANTO DE AMOR A FORTALEZA

Não tens Capibaribes ao luar.
Não tens ilha defronte.
Não tens pontes.
Não tens ventos terríveis, minuanos.
Não tens brumas, montanhas, nem fortins.
És pobre, Cidade.
Mas és bela.
Tens mistérios e muita adolescência.
Se contemplo teu vulto penso em rosas.
Tenho pétalas em mim se te murmuro.
Quanto és mansa, e bucólica, e pura,
E bela, e jovem, ó grande flor atlântica
Plantada mais em nós do que no chão!
Cidade das velhas serenatas
Das doces pastorinhas e fandangos
Das retretas românticas, das valsas,
De usanças que o tempo já não traz.
Quem foi que sepultou teus violões,
Tuas cirandas, modinhas e quermesses,
Tuas festas de Reis, tuas lanternas,
Teus sobrados, serões e bandolins?
Quanto sofro por ti, pois te desnudam
E te tornam uma girl made in USA
E já não ouves os sinos que te chamam
Para Nossa Senhora de Assunção.
Cidade das lagoas circundantes
E dos becos solitários e cruéis!
Lagoa de Mondubim
Lagoa de Pirocaia
Lagoa de Maraponga
Lagoa da Onça
Lagoa Feia
Lagoa do Tauape!

Na Praça do Ferreira – desvairada –
Teu coração se encontra palpitando
E sofre as tuas dores e retém
A memória gentil de tua infância.
Cidade essencial
Cidade marítima
Eu sempre te amei.
Tenho versos que um dia cantarei
Às tuas praias amplas, ao teu mar
Onde pousam jangadas e canções.
Praia de Iracema
Praia de Mucuripe
Praia do Meireles
Volta da Jurema
Praia Formosa
Praia do Futuro
Praia de Pirambu!
Oh! Os teus bairros tão doces e tranquilos
Que recordam as canções dos seresteiros.
Aldeota, Benfica, Alagadiço,
Piedade, Prainha, Navegantes,
Jacarecanga, Porangabuçu!
Cidade de meus filhos, minhas lutas,
Meus exílios, desejos, solidões.
Cidade onde é possível o amor de outrora
Chegar ao nosso olhar, claro e esquivo,
E em nós ser como nos velhos tempos.

Profundo é o meu amor, ó Fortaleza,
É grávido de ti, tão vasto como
Teus grandes céus escampos em setembro.
Em ti me guardo, guarda-te em mim
Minha pobre edelweiss, barco ancorado,
Minha guitarra se eu fora português!
(CLÁ: 21, p. 97-99)

Artur Eduardo Benevides inicia seu poema comparando Fortaleza a Recife, apontando o que nossa cidade não tem: Capibaribes, ilhas defronte, pontes, etc, numa clara afirmação de que Fortaleza é desprovida de belezas que permeiam o “centro do Recife”, reconhecidamente um dos mais belos do país. Também não tem minuanos, brumas, montanhas, etc., que caracterizam a paisagem e o clima do sul do Brasil. Mas o poeta se emociona ao pensar “quanto és mansa, e bucólica e pura/ e bela, e jovem, ó grande flor atlântica/ plantada mais em nós do que no chão!” Na verdade, alude a um tempo provinciano de Fortaleza, em que a cidade era pacífica, ainda não contaminada pelos males civilizatórios das grandes metrópoles. Essas lembranças remetem a uma cidade que cultivava valores, cultura, uma maneira peculiar de existir, através de “velhas serenatas”, das “doces pastorinhas”, dos “fandangos”, das “retretas românticas”. O saudosismo é patente, quando o poeta indaga: “Quem foi que sepultou teus violões/ tuas cirandas, modinhas e quermesses”/ tuas festas de Reis, tuas lanternas,/ teus sobrados, serões e bandolins?” Em seguida, lamenta a descaracterização da cidade pela ação devastadora do progresso, lamenta a influência patente dos Estados Unidos a partir, principalmente, da década de 1960, deixando Fortaleza americanizada em modos e costumes: “uma girl made in USA”. Exalta as lagoas e aponta para o centro – a Praça do Ferreira – que, aos poucos, vai perdendo contornos e formas primitivas, fortes lembranças da infância do poeta. Hoje, a Praça do Ferreira está “desvairada” mas “retém a memória gentil de tua infância”. Fala das praias, do mar, um dos símbolos mais recorrentes da poesia de Artur Eduardo Benevides, que nomeia Fortaleza “cidade marítima”, onde o barco do poeta permanece “ancorado”. A ambivalência do tempo também povoa os versos de Benevides, na dialética outrora x agora: “Cidade onde é possível o amor de outrora/ chegar ao nosso olhar, claro e esquivo,/ e em nós ser como foi nos velhos tempos”. Ao final, o poeta ratifica tão grande amor que sente por sua cidade: “É grávido de ti, tão vasto como/ teus grandes céus escampos em setembro”, reafirmando a simbiose existente entre Fortaleza e seu ilustre habitante: “Em ti me guardo, guarda-te em mim”.

Como vemos, Artur Eduardo Benevides não relembra, aqui, símbolos e ícones de sua cidade, uma vez que não a vê como “ensolarada” ou “cidade-luz”, poderosa via para o mito do *locus amoenus*. Não é a mais bela entre todas as cidades; ao contrário, ele a coloca desprovida diante da beleza paisagística de outras cidades. A descaracterização da Praça do Ferreira, espaço emblemático de Fortaleza, confere um tom nostálgico e triste ao poema. Também ele a vê e sente com olhos analíticos de adulto e sensibilidade de menino, declarando amor incondicional pela “cidade marítima”, onde constantemente permanece seu “barco ancorado”.

Muitos são os poemas sobre Fortaleza, na *Revista CLÁ*, exaltando as jangadas, a praia de Iracema, os bairros, as serestas, os mistérios da noite, num grande desfile temático bem diversificado. Até mesmo artistas plásticos, como Antônio Bandeira, escreveram seus poemas sobre Fortaleza na revista. Nos três poemas analisados, vemos o foco diferente, conferido por cada poeta a sua cidade: enquanto Yaco Fernandes é puro orgulho por ter nascido em Fortaleza (“Minha cidade!) e exalta suas qualidades e beleza superlativas (*locus amoenus*), Aluizio Medeiros compara o outrora e o agora, a Aldeota e o Pirambu, realçando contrastes sociais existentes, elementos depreciativos na grande metrópole de hoje. Artur Eduardo Benevides, apesar de reconhecer que sua cidade é desprovida de algumas belezas existentes em outras cidades, louva-a acima de tudo, uma vez que representa alegre e feliz memória infantil, entranhada em seu ser - “cidade essencial” do poeta.

Como afirmei, no artigo *O lugar da utopia* (2006), a busca de um lugar idealizado constitui um dos motivos centrais da poesia, em apurado trabalho de reflexão do poeta sobre sua própria obra. A poesia se alimenta de temas explorados em outros textos, procurando estabelecer um diálogo entre diferentes visões de mundo. O poema de Gonçalves Dias, *Canção do Exílio*, foi escrito quando o poeta, com apenas 20 anos de idade, cursava a Faculdade de Direito em Coimbra, vivendo um exílio físico e geográfico. Outros escritores do século XX tratam o exílio em sua essência – o que importa é que a satisfação está lá, muito distante. Pela atuação da memória nos poemas estudados, a felicidade encontra-se localizada no outrora, na infância inacessível – o que deixa

o poeta em permanente exílio, carente para sempre de seu “lugar de utopia”. No agora, predominam a insatisfação, o descontentamento e a saudade, depois de constatadas transformações ocorridas na cidade - decorrência do desgaste temporal, da marcha do progresso, da ação do capitalismo desenfreado, entre outras causas, e da conseqüente inadaptação do poeta ante realidades tão dissonantes.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO**, Sânzio de. O grupo CLÃ. In: *Literatura Cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976. p. 427-500.
- CANDIDO**, Antonio. *O Discurso e a Cidade*. 3ª. Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.
- CLÃ**: revista de cultura. 29 números. Edição facsimilar. Fortaleza: Edições UFC, 2001.
- CHARAUDEAU**, Patrick & **MAINGUENEAU**, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- FERREIRA**, João Paulo. Campo e Cidade: uma história na voz de poetas e de seus protagonistas. *Campo/Cidade – Projeto História*. São Paulo: EDUC, n. 19, nov. 1999. p. 45-58.
- FOUCAULT**, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- ISER**, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Edições 34, 1996.
- LINHARES FILHO**. O Grupo CLÃ e a vanguarda literária. In: *A produção literária do Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2001. p. 17-47.
- MAINGUENEAU**, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- MORAES**, Vera Lucia Albuquerque de. *CLÃ: trajetórias do modernismo em revista*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- _____. O lugar da utopia. *O Povo*. Vida & Arte cultura. Fortaleza, 23 de abril de 2006. p. 6.
- _____. 60 anos da Revista CLÃ. *O Povo*. Vida & Arte cultura. Fortaleza, 5 de março de 2006. p. 6.
- OLIVEIRA**, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: Edições UFC, 2000.
- WILLIAMS**, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.